

Investimento não depende do exterior

BRASÍLIA – De importância vital para o financiamento dos compromissos externos do país, os investimentos estrangeiros diretos ganham destaque nos discursos do governo. Mas não se pode esquecer que representam apenas um pequeno pedaço no total de recursos injetados no setor produtivo anualmente.

De acordo com o Ministério da Fazenda, as previsões de investimentos totais cresceram de 17% para 19% do PIB neste ano. O que representa algo em torno de R\$ 210 bilhões, considerando que o governo trabalha com um PIB de R\$ 1,1 trilhão. Nessa fatia, de R\$ 55 bilhões a R\$ 60 bilhões são esperados em investimentos externos. Ou seja, os dólares que entram para a produção representam cerca de 4% do total programado. Assim, o peso do investimento doméstico é mensuralmente superior.

Há que se considerar que esse dinheiro de longo prazo que entra no país sofreu tremenda elevação – de cerca de US\$ 1 bilhão em 1993 para US\$ 30 bilhões em 1999. E até a metade de maio já somavam US\$ 9,2 bilhões acumulados no ano. Mas muitos setores criticam o recebimento desses dólares, tendo a desnacionalização da economia brasileira como principal argumento.

Pedidos de financiamento

(R\$ milhões)

Discriminação	Acumulado no ano		Variação(%)
	1999	2000	
Consultas			
(pedidos de financiamento)	11.722	11.924	2
Enquadramentos			
(pedidos enquadrados como passíveis de apoio	8.564	12.939	51%
Aprovações	4.620	4.219	-9%
Desembolsos **	5.112	4.401	-13%

Fonte: BNDES

(*) Janeiro a abril

(**) Inclui operações no mercado secundário

Meia verdade – Outras críticas apontam para o fato de que 60% desse dinheiro vai para a área de serviços e não contribuem para aumentar, por exemplo, as exportações. Para o secretário de Política Econômica, Edward Amadeo, trata-se de “uma meia verdade”. Ele argumenta que a maior parcela dos dólares têm ido para empresas que geram insumos para setores exportadores, como na área de comunicações.

Na análise do secretário, esses investimentos contribuem para reduzir o custo da produção e para aumento da competitividade das empresas exportadoras. Embora ele admita que uma parte significativa tem se dirigido para a compra de empresas já instaladas e muito pouco para a implantação de novos equipamentos produtivos.

Mas ele diz que entre os supostos benefícios está o fato de que o dinheiro do estrangeiro

está permitindo ao país abandonar “o retardo tecnológico” conhecido e acompanhar a tendência mundial na área de novas tecnologias. “Com o investimento direto, o Brasil está tentando diminuir o hiato que existe entre a nossa fronteira tecnológica e a fronteira internacional. E permite que acompanhemos mais rapidamente os avanços que estão acontecendo, dos quais não devemos ficar de fora”, afirma Amadeo.

Para o secretário, outra vantagem é que traz ao país a possibilidade de seguir rapidamente para o alcance do ritmo e modernização das economias mais avançadas. E exatamente por isso é que o setor de comunicação, na área de serviços ou manufaturas, tem crescido vertiginosamente no país e se espera que continue a crescer mais que o resto da economia.